

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

LUANA MATOS DOS REIS

MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS DO COLETIVO ESPÍRITAS À ESQUERDA

PORTO ALEGRE

2025

Manifestações públicas do coletivo Espíritas à Esquerda¹

Luana Matos dos Reis

Resumo: Este artigo analisa o coletivo brasileiro *Espíritas à Esquerda*, criado em 2016, que defende uma leitura progressista da doutrina espírita, alinhada à luta por justiça social e aos direitos das populações historicamente marginalizadas. A pesquisa se insere no campo da Antropologia da Religião e dialoga com autores como Signates (2019), Miguel (2020), Camurça (2021) e Stoll (2003), que discutem as relações entre espiritismo, religião e política no Brasil. O estudo inclui uma revisão bibliográfica e de uma análise das publicações realizadas no perfil do coletivo no Instagram, onde são compartilhados posicionamentos políticos, críticas sociais e reflexões sobre o espiritismo em diálogo com pautas progressistas. O estudo busca compreender como esse grupo reivindica uma interpretação voltada à justiça social, em contraste com a hegemonia de leituras conservadoras, historicamente influenciadas pela tradição católica e por tendências apolíticas. Conclui-se que o coletivo contribui para ampliar os debates no campo religioso, apontando caminhos para um espiritismo socialmente engajado e atento às demandas contemporâneas.

Palavras-chave: Espiritismo. Justiça social. Religião e Política.

Abstract: This article analyzes the Brazilian collective *Espíritas à Esquerda*, founded in 2016, which advocates a progressive reading of Spiritism, aligned with the struggle for social justice and the rights of historically marginalized populations. The research is situated within the field of the Anthropology of Religion and engages with authors such as Signates (2019), Miguel (2020), Camurça (2021), and Stoll (2003), who discuss the intersections between Spiritism, religion, and politics in Brazil. The study contains a literature review and an analysis of the group's publications on their Instagram profile, where they share political positions, social critiques, and reflections on Spiritism in dialogue with progressive agendas. The research seeks to understand how this group claims an interpretation focused on social justice, in contrast to the hegemony of conservative readings historically influenced by

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de graduação no formato de artigo de periódico apresentado ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Composição da banca avaliadora: Prof. Dr. Bernardo Lewgoy (UFRGS) e Dr. Jorge Helius Scola Gomes (UFRGS). Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli (UFRGS).

Catholic tradition and apolitical tendencies. It concludes that the collective contributes to expanding debates within the religious field, pointing to paths for a socially engaged Spiritism attentive to contemporary demands.

Keywords: Spiritism. Social justice. Religion and Politics.

Introdução

Os temas Religião e Política têm sido muito presentes em debates dentro e fora das Ciências Sociais (SIGNATES, 2019; MIGUEL, 2020; CAMURÇA, 2021), sobretudo nos últimos anos, onde intensificaram-se as discussões sobre o papel da religião no cenário político.

O Espiritismo kardecista chega e consolida-se, no Brasil, entre os períodos de 1860 e 1940. Estudos apontam que em solo brasileiro, a doutrina se tornou mais relevante que em seu país de origem (Stoll, 2003; Lewgoy, 2004). Além disso, possui particularidades por ter se adaptado ao cenário de forte tradição católica, fazendo com que o caráter religioso da doutrina predomine, deixando o aspecto científico em segundo plano (Stoll, 2003; Pires, 2008; Signates, 2019; Pereira, 2020). Estamos falando de um contexto onde prevaleciam ideais católicos conservadores (Camurça, 2021), que influenciaram as práticas espíritas e influenciam até os dias de hoje de modo a produzir uma tradição de isenção diante de questões sociopolíticas e um alinhamento por parte dos espíritas a ideais conservadores, ainda que não se denominem assim.

Se investigar os discursos que dão margem para uma interpretação conservadora da doutrina é fundamental, pensar o oposto também. Existe uma parcela de espíritas opondo-se ativamente ao kardecismo tradicional, são os espíritas de esquerda, que reivindicam uma interpretação socialmente engajada da doutrina.

A partir de uma revisão preliminar da literatura, observamos um conjunto de trabalhos que tratam do impasse entre espíritas progressistas e conservadores (Miguel, 2020; Camurça, 2021; Signates, 2019; Arribas, 2020; Pires, 2008). Tais trabalhos indicam uma crescente tendência de afastamento de uma parcela significativa de espíritas de questões políticas, sociais e estruturais; todavia, apontam também para a existência de uma produção progressista dentro da doutrina, que aparece já nos tempos de codificação (Miguel, 2020).

Para este trabalho, o objeto de análise será um grupo brasileiro surgido em 2016, o "Espíritas à Esquerda". Trata-se de um coletivo espírita que propõe uma leitura progressista da doutrina. Mais especificamente, serão analisadas as manifestações públicas do grupo, que é bastante ativo em suas redes sociais, onde reconhecem as passagens problemáticas dos escritos de Kardec e reivindicam direitos aos historicamente marginalizados.

A escolha de um coletivo progressista como objeto de análise é pensar outros

caminhos para o movimento espírita brasileiro, que apresenta particularidades devido à forte influência do catolicismo. É, desse modo, refletir sobre a importância de uma doutrina politicamente engajada, que utilize seu alcance e relevância promovendo diálogo com as demandas sociais. Para isso, primeiramente, será feita uma breve revisão da literatura especializada existente sobre o tema, apresentando um panorama acerca do assunto e, por fim, pretende-se analisar as manifestações públicas de um grupo que reivindica ser progressista, o Coletivo Espíritas à Esquerda.

Este trabalho visa contribuir para um entendimento maior acerca das possíveis interpretações existentes sobre a doutrina. Além disso, pretende-se somar ao debate de como essas diferentes interpretações levam a diferentes posicionamentos políticos.

A pesquisa insere-se na área da Antropologia da Religião, ao explorar disputas internas existentes dentro do movimento espírita que emergem a partir das diferentes interpretações dadas a ela. Como já existe literatura demonstrando como preceitos da Doutrina se vinculam a posicionamentos conservadores, o objetivo, aqui, é dar foco àqueles considerados minoria no cenário espírita brasileiro: os espíritas que se posicionam à esquerda no espectro político.

Revisão bibliográfica: espiritismo e política

Tratarei, dentre outros temas, no presente trabalho, a questão da “neutralidade” do movimento espírita, que tem sido trabalhada por autores dentro do campo das Ciências Sociais. Para compreender como essa tradição tem se estabelecido no Brasil, serão mobilizados autores que vêm demonstrando, ao longo dos últimos anos, de que modo o “ser neutro” tem acomodado grande parcela dos espíritas kardecistas de modo conservador na sociedade, quando os distancia dos debates políticos.

Segundo Miguel (2020), preceitos como a “reforma íntima” (defende a mudança individual como caminho para a mudança social, quer dizer, o indivíduo pensando em si e cuidando de si, naturalmente transformará a sociedade) e a dicotomia sagrado e profano (utilizada para opor religião e política, respectivamente) têm sido responsáveis por produzir uma tradição de omissão que tem contribuído para a manutenção de ideias dominantes, ou do status quo conservador. O autor investiga como se relacionam espiritismo e política no Brasil

e utiliza como material de análise a revista *O Reformador*, periódico espírita, lançado em 1883, com o objetivo de divulgar a doutrina. A revista é editada pela FEB, Federação Espírita Brasileira. O autor, em seu trabalho, também trata do tema do socialismo dentro do movimento, demonstrando que, mesmo com grande parcela de espíritas “acomodando-se” de modo conservador na sociedade, existiram figuras espíritas importantes posicionando-se à esquerda ou o que Miguel denomina de “tradição de viés socialista”. De acordo com ele

No Brasil, ainda na República Velha, o deputado e médico Bezerra de Menezes (1831-1900) foi fundamental para a consolidação do Espiritismo frente às oposições da lei. Já na Era Vargas a atuação dos militares espíritas, bem como juízes e médicos, contribuiu bastante para salvaguardar as práticas espíritas das investidas de psiquiatras e clérigos que apelavam para a repressão do Estado. Em segundo lugar, o socialismo não é posição inédita entre os espíritas. A começar pelo filósofo Léon Denis (1846-1927), de militância no movimento operário francês e escritor da obra *Socialismo e Espiritismo* (Miguel, 2012, p. 02)

Além disso, em sua dissertação “Movimento Universitário Espírita (MUE): Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967-1974)”, onde analisa a atuação de um grupo de estudantes espíritas, demonstra a existência de um passado espírita politicamente organizado.

Para que se assimile a transformação do espiritismo no Brasil e como este tem se relacionado com a política é fundamental transitar pelo passado, ainda que brevemente. Nesse sentido, faz-se necessário mobilizar uma literatura dedicada à compreensão da realidade religiosa brasileira, para que, a partir disso, compreendamos como se construíram noções individualistas que fundamentam a doutrina e têm contribuído para um cenário de despolitização. A disputa ideológica dentro do kardecismo tem sido responsável por algumas análises dentro das Ciências Humanas, sobretudo entre antropólogos e sociólogos. Quando falamos do embate entre espíritas conservadores e progressistas no contexto brasileiro, Camurça (2021) nos diz que uma tendência está surgindo: a divisão entre lideranças do movimento no que diz respeito à moral e visão social.

Camurça, em um de seus trabalhos, evoca um acontecimento envolvendo a figura de Divaldo Pereira Franco, médium que divulgava a doutrina há mais de 70 anos e que faleceu recentemente, deixando uma marca importante na história do espiritismo aqui no país. Podemos dizer que ele foi a figura espírita mais reconhecida dentro do movimento, depois de Francisco Cândido Xavier ou Chico Xavier, como costumavam chamar o médium que desempenhou um papel fundamental na consolidação de um “espiritismo à brasileira” ao

incorporar costumes católicos à doutrina (Stoll, 2003; Lewgoy, 2004).

Acontece que, durante um evento espírita, Divaldo deu declarações nas quais atribuiu ao marxismo noções como “ideologia de gênero”, reforçando discursos moralistas. Ao fazer tais afirmações, ele demonstra uma postura alinhada aos setores conservadores e, também, evidencia uma tendência entre certas lideranças espíritas de tratar de temas dos quais não possuem conhecimento aprofundado, fundamentando-se em preceitos da doutrina para responder questões de naturezas distintas (Giumbelli, 1996). Quer dizer, tudo é passível de uma explicação espírita.

Em contrapartida, Camurça busca apresentar-nos uma visão oposta à conservadora, uma perspectiva progressista, defendida por espíritas que estariam alinhando a doutrina a ideais inovadores. Ele faz uma análise da história do espiritismo brasileiro para identificar como surgem e desenvolvem-se ambos os posicionamentos. Portanto, a partir das lentes da Ciências Sociais, analisa como leituras da doutrina espírita fundamentam tanto posições conservadoras como progressistas, para isso, faz uso de duas vertentes: providencialismo e hermenêutica, onde, respectivamente, uma estaria levando os espíritas a uma interpretação conservadora da doutrina, a outra, progressista. A primeira se dá pela ênfase em características religiosas da doutrina e explicações espirituais ou divinas para problemas do mundo. Já a segunda, nasce de uma leitura crítica dos textos por parte dos espíritas, de modo que estes reflitam sobre o contexto social no qual estão inseridos.

Dentre as muitas discussões levantadas pelo EàE em suas redes sociais, a relação entre gênero e espiritismo surge como forte questão para reflexão. À vista disso, se faz necessário acionar uma literatura que dialoga com o assunto. É justamente o que propõe Arribas (2020). A autora investiga personagens e instituições espíritas e como estes(as) têm impactado nas “percepções e representações espíritas” sobre política, gênero e sexualidade, no período pós 2016 de golpe de Estado. Analisa como essas percepções acabam por estabelecer espiritismos opostos, ou seja, conservador e progressista.

Arribas utiliza como material de análise produções audiovisuais, publicações em plataformas digitais, entre outros. Seu trabalho, além de dar foco às questões de gênero e sexualidade no espiritismo, traz questões importantes acerca da disputa entre conservadores e progressistas. Conceitos estes que, segundo a autora, teriam origem no discurso êmico, isto é, o modo de um determinado grupo enxergar a si ou a sua realidade, nesse caso, o que

entendem por “conservadores” e “progressistas”. Ela conclui:

As controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores nos mostram, portanto, que o que está em jogo nessas disputas é a própria definição do que seja o espiritismo e de como devem ser, pensar e agir os/as que se dizem espíritas.[...] (Arribas, 2020, p.636)

E também que as diferentes perspectivas espíritas são fruto de “determinadas matrizes de leitura e de experiência do social” (ARRIBAS, 2020, p. 636).

De modo geral, existe um consenso entre os autores citados acima. Todos se dedicam ao estudo de como se desenvolvem determinadas práticas religiosas no Brasil, mais especificamente, as espíritas. Apuram o que resulta da intersecção de política e religião dentro do movimento e posicionam-se de forma crítica à tradição de neutralidade e crescimento do conservadorismo entre espíritas. Além disso, consideram as especificidades do cenário brasileiro no desenvolvimento desse processo de transformação da doutrina.

Então, como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho é dar destaque àqueles que são minoritários dentro do movimento espírita brasileiro e que vêm posicionando-se de maneira crítica ao cenário hegemônico conservador: os espíritas progressistas (SIGNATES; DAMÁSIO, 2021). Ainda que se encontre um material cujo conteúdo mapeie coletivos espíritas brasileiros que se denominam progressistas ou que ao menos dialogam com o progressismo, não existe uma pesquisa específica sobre o “Espíritas à Esquerda”. Nesse sentido, faz-se oportuno utilizá-lo como objeto de análise, caracterizando seu perfil e seus posicionamentos de modo mais aprofundado.

O grupo Espíritas à Esquerda: contexto de seu surgimento e atuação

O coletivo Espíritas à Esquerda, que surgiu em 2016, em meio a um cenário político conturbado, de intensa polarização e marcado pelo golpe que culminou no *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, não se formou nesse contexto por acaso. O movimento espírita movimentava-se diante do cenário político. De um lado, figuras espíritas renomadas posicionaram-se favoráveis aos atos golpistas; por outro, aqueles que se denominam progressistas, posicionavam-se contra e repudiavam a postura conservadora de uma grande parcela de espíritas.

Diante disso, um grupo de amigos decidiu criar um espaço virtual com a finalidade de debater política. Inicialmente foram criados um grupo no WhatsApp e uma página no Facebook. Hoje, o coletivo também possui um perfil no Instagram, no Twitter, um canal no YouTube e um site onde contam sua história, dialogam com a comunidade espírita e compartilham suas reflexões políticas.

O ano de 2018, período onde ocorreu a eleição presidencial aqui no país, teria sido um “divisor de águas” para o grupo, pois evidenciou ainda mais as diferenças ideológicas existentes dentro do movimento, fazendo com que se fortalecesse a necessidade de um encontro físico entre os membros do EàE. Assim, em 2019, aconteceu o “I Encontro Nacional Espíritas à Esquerda”, onde aqueles que compõem o grupo puderam, finalmente, unir-se presencialmente para debater suas ideias e planos acerca dos rumos que gostariam que tomasse o espiritismo no Brasil.

O grupo atua, principalmente, organizando ações e promovendo debates em suas redes sociais, com o objetivo de conscientizar espíritas e simpatizantes e estimular a participação cidadã. Além disso, realizam eventos públicos, como os “Encontros Nacionais”, onde buscam ampliar o diálogo com diferentes comunidades e fortalecer redes de apoio. Até o momento foram realizados três destes encontros. Suas plataformas são ferramentas de extrema relevância, pois, por meio delas, divulgam suas ações mais recentes, compartilham reflexões sobre o cenário político atual e mobilizam seguidores para causas urgentes. Assim, o coletivo não apenas propõe discussões teóricas, mas impulsiona práticas concretas de resistência e transformação social.

O “Espíritas à Esquerda” é formado por um grupo diverso, cujos membros possuem origens e profissões distintas. Em relação às suas lideranças², podemos citar: Elizabeth Hernandez - Brasília/DF, Gastão Cassel - Florianópolis/SC, Juba Maria - Rio de Janeiro/RJ, Hadson Nascimento - Natal/RN, Mariela Bier - Canoas/RS, Marta Timoteo - Curitiba/PR, Mônica Mendes - Salvador/BA, Ricardo Ferreira da Silva - Santos/SP, Rosângela Vilaça - Belo Horizonte/MG e Sergio Mauricio, que reside em Salvador/BA, e surge como um nome proeminente no que diz respeito à coordenação do coletivo. É engenheiro, filósofo, possui mestrado em ciências sociais e é servidor público federal. Também escreve sobre o tema nas

² Informações retiradas do site oficial do coletivo Espíritas à Esquerda. Disponível em: <https://espiritasaesquerda.com.br/quem-somos/coordenacao/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

plataformas digitais do EàE e possui participações no blog “Diálogos da Fé” de Franklin Félix, da revista Carta Capital.

De acordo com as informações contidas em seu site, até o momento, o EàE possui uma coordenação nacional e atua, de modo virtual, em 17 estados do país e em Portugal. Além disso, conta com mais de 20 mil seguidores somados em suas redes sociais. Para eles, a doutrina representa uma poderosa ferramenta de transformação, mas somente quando associada a um engajamento político voltado à luta contra as desigualdades.

Metodologia

Atualmente, as redes sociais desempenham um papel fundamental na disseminação de informações, ideias e formação de comunidades, bem como na mobilização destas. As plataformas digitais se tornaram espaços de opiniões, organização de ações coletivas e construção de identidades. Nesse contexto, a escolha da plataforma de pesquisa é um aspecto essencial para garantir abrangência, profundidade e precisão na análise de um fenômeno social.

Para o Espíritas à Esquerda, a presença no cenário digital e a produção de conteúdo em diferentes redes sociais são particularmente relevantes. O coletivo mantém uma atuação bastante ativa no mundo virtual, com um volume expressivo de postagens que incluem textos, vídeos, imagens e debates manifestando seus posicionamentos. Diante da quantidade significativa de conteúdo em circulação do grupo, em diferentes plataformas, tornou-se necessário a aplicação de alguns critérios para a escolha da rede social que seria fonte para esta pesquisa.

Desse modo, optou-se por selecionar uma única rede social como fonte principal, com o objetivo de garantir uma análise mais precisa do conteúdo produzido pelo coletivo. A plataforma escolhida foi o Instagram, devido aos diversos atributos que a tornam particularmente adequada para esse propósito.

Em primeiro lugar, o Instagram apresenta uma interface visual que facilita a navegação e a compreensão do conteúdo, permitindo uma leitura rápida das postagens. Além

disso, o Instagram se destaca pela frequência e atualidade das postagens. O coletivo costuma divulgar suas ideias e ações nesta rede social de forma contínua e em tempo real. Essa dinâmica de constante atualização possibilita acompanhar as atividades mais recentes do grupo, de forma mais rápida do que em outras plataformas.

Embora o conteúdo produzido pelo coletivo também esteja presente em outras redes sociais, como site, Facebook, Twitter, YouTube e Bluesky, o volume e a frequência de postagens são mais intensos no Instagram. Além do mais, observou-se que o conteúdo postado nas demais plataformas é um conteúdo replicado do Instagram, reforçando, portanto, que esta rede social seria a fonte mais adequada para a pesquisa. Desse modo, a decisão foi baseada na necessidade de evitar dispersão e de possibilitar uma análise mais detalhada e contextualizada das postagens feitas pelo grupo.

A busca pelas postagens ocorreu entre 06 e 20 de maio de 2025. Além disso, durante esse período, foi feita a leitura de todas as publicações. Sobre o tipo de postagem escolhida para o trabalho, utilizou-se o seguinte critério: selecionar um material que tratasse do tema da política dentro do movimento espírita, mais especificamente, uma política comprometida com a justiça social, que se autodenomine progressista.

Inicialmente, foram selecionadas postagens que tratassem do tema da política de maneira mais abrangente³. Após analisar o conteúdo, foram encontrados dois tipos de material entre as postagens: a política como algo inerente à atividade humana e essencial à religião; e a política enquanto justiça social, em vários aspectos.

Análise dos posts selecionados de acordo com os dois temas

Será apresentada, nesta seção, a análise das postagens feitas pelo coletivo no Instagram, a fim de compreender as temáticas e ideias que por ele são produzidas⁴. Como dito anteriormente, fazendo uma leitura mais geral do conteúdo, foi possível notar que a política é um tema central, que norteia as diversas discussões levantadas pelo EàE. Desse modo, para que se possa analisar de uma maneira mais precisa, optou-se por dividir o tema da política em

³A análise não considerou as imagens que veiculam ou acompanham os textos das postagens, nem os comentários e reações que estão registradas nas publicações. O foco recai sobre o conteúdo dos textos expressos pelo Coletivo EàE.

⁴ As transcrições abaixo são todas retiradas do Instagram Espíritas à Esquerda. Após a transcrição, há a data da postagem.

dois grupos. Ambos abordam o tema da política, mas cada um com suas particularidades.

A primeira parte irá tratar da política enquanto elemento fundamental para a prática da doutrina, buscando demonstrar de que modo o coletivo acredita que a identidade espírita e o engajamento político devem se relacionar. A segunda parte tratará da noção de política defendida pelo grupo: a política como ferramenta de transformação social.

A divisão tem como finalidade expor de maneira mais clara como o coletivo articula seus valores, trazendo, também, foco para a importância do papel das plataformas digitais para a disseminação de ideias e criação de novos caminhos para preceitos já bem estabelecidos.

1) política como algo essencial à prática doutrinária

Como sabemos, o espiritismo kardecista brasileiro tem por tradição a separação dos campos da política e da religião. Isso se dá por motivos diversos. Podemos citar a influência iluminista, onde religião e Estado separam-se, dando espaço à razão, e também as particularidades do cenário religioso brasileiro, predominantemente católico (Signates, 2019; Pereira, 2020).

Quando o espiritismo chega no Brasil, se estabelece de modo diferente daquele original francês. Enquanto Kardec, codificador da doutrina, preocupava-se com questões sociais, sobretudo, em como democratizar a educação e mantinha contato com figuras reconhecidamente ligadas ao socialismo utópicos (Incontri e Bigheto 2004), no Brasil, a doutrina assume um caráter religioso, cujas práticas não envolviam encorajar debates e manifestações públicas.

Fazendo o caminho oposto àquele que conhecemos, de se abster de questões políticas e sociais, o coletivo deixa claro como se posiciona em relação à tradição de neutralidade dentro do movimento espírita. Como vemos na seguinte publicação, postada em seu perfil do Instagram, em agosto de 2019

Os "isentões" e sua opção política "Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca." Apocalipse 3:15,16 "E os fariseus, vendo isto, disseram aos seus discípulos: 'por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?' Jesus, porém, ouvindo, disse-lhes: 'não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes'." Mateus 9:11,12

Inúmeras mensagens que chegam à página "Espíritas à esquerda" por meio dos aplicativos mensageiros não apenas tecem críticas à nossa clara opção política, mas

buscam "carinhosamente" ensinar que o espiritismo não tem opção política. Aos amigos e seguidores que tanto se empenham em mostrar a isenção política espírita e que sempre encerram suas perorações morais com o velho chavão "vocês precisam estudar mais", seguem algumas observações.[...] **22 de agosto de 2019**

O coletivo mobiliza passagens bíblicas a fim de reforçar o seu repúdio aos que escolhem “ficar em cima do muro”. Entende-se, também, que é preferível escolher um lado a não escolher nenhum, pois a ambiguidade faz do espírita um sujeito “morno”, sem propósito, que não estaria a serviço da doutrina. Além disso, se ser espírita é colocar em prática os ensinamentos de Jesus, estes só poderiam seguir seu exemplo amparando aqueles que mais precisam. Entre os espíritas tradicionais, existe o consenso de que os preceitos cristãos estão em dia por meio da caridade. Entretanto, esse costume é frequentemente apontado por autores críticos como sendo assistencialista (Stoll, 2003), já que promove um bem estar momentâneo. Isto acontece porque fogem do cerne das questões, que dão origem às dores que eles buscam amenizar, por meio de ações pontuais.

Ademais, o grupo responde aqueles que criticam seu posicionamento

[...]Primeiro, a base das propostas espíritas, como bem sublinhou Kardec variadas vezes, é o ensino moral de Jesus. E Jesus, em suas ações e palavras, deixou sempre claro que sua opção jamais foi a de referendar a opressão social ou a exploração do homem pelo homem. Ao contrário, posicionou-se sem receios na defesa dos oprimidos e dos que sofriam as consequências da divisão social na sua época. Segundo, Kardec e os espíritos que o auxiliaram também propuseram ao indivíduo a transformação de seus pensamentos, sentimentos e ações na direção do bem comum, da coletividade e da superação da barbárie social.[...] **22 de agosto de 2019**

Por fim, reforçam ainda mais a ideia de que não existe espaço para contradições entre discurso e prática, pois, de acordo com eles

[...]isso é tão claro nos textos kardecistas que soa, no mínimo, estranho quando se vê alguém defendendo posições contrárias àquilo que se pode ler facilmente em suas obras. Como diria Leonardo Sakamoto, "não falta apenas amor no mundo, falta também interpretação de texto". Afora a posição política explícita contida nos fundamentos do cristianismo e do espiritismo que não permite, em boa fé, tergiversar sobre isso, ressalta-se também que a isenção, o silêncio e a covardia são outras formas de manifestação política. Não existe manifestação humana isenta de conteúdo político. **Espíritas à Esquerda, 22 de agosto de 2019**

Assim, o grupo enfatiza a importância de adotar uma postura coesa no que diz respeito à vivência espírita. Para eles, a solução não está em remediar por meio de auxílios passageiros. É necessário trabalhar no sentido de promover mudanças efetivas e duradouras, pois somente desse modo alcançaremos realidades sociais mais justas. A espiritualidade não

pode ficar presa no discurso, porque ser omissa e silenciar-se diante das desigualdades também é escolher e, nesse caso, permitir que se perpetue exatamente o oposto do que Cristo defendeu. Para o EàE, a postura de abster-se de um debate profundo e crítico traz consigo implicações que impactam negativamente nas esferas social e ética.

Miguel (2020), utiliza o preceito de “reforma íntima” para mostrar-nos como este tem contribuído para a tradição de individualismo diante de questões coletivas e estruturais. A tradição de neutralidade, como bem apontada por ele, também refletiria a dicotomia de sagrado e profano, onde religião estaria no âmbito daquilo que é puro, que não se pode corromper, enquanto a política representaria, o contaminado, o efêmero. Por isso, discussões que ousem combinar ambos os temas são fortemente desencorajados nos centros espíritas kardecistas mais tradicionais.

A fim de suscitar e fomentar novos debates no meio espírita, de modo antagônico, o EàE se posiciona em suas redes sociais. Observemos uma publicação feita em setembro de 2024:

Para o EàE, não existe possibilidade de luta pela implantação do Reino proposto por Jesus sem a participação política ativa, constante e intensa. O Reino anunciado por Jesus é, sim, uma ideia política, uma proposta de transformação radical da sociedade em que se vive para um outro mundo mais justo e fraterno, em que não haja mais fome, opressão, miséria, desigualdade e injustiça. E a política não é apenas uma solução possível, a política é a ÚNICA solução para a transformação da sociedade. Porque para os espíritas progressistas, fora da justiça socioambiental não há salvação.
Espíritas à Esquerda, 22 de setembro de 2024

Os valores do EàE estão evidentes. O que se propõe é compreender o Reino de Jesus enquanto uma ideia política de justiça e fraternidade. A política, para eles, não é um aspecto secundário, muito menos profano, mas o único meio para cumprir os valores cristãos no plano terreno. Em postagem mais antiga, o grupo se manifesta de maneira ainda mais crítica e categórica no que diz respeito à neutralidade política:

Espiritismo é política. E quem diz o contrário faz também política, mas a pior de todas, pois contraria os princípios básicos do espiritismo e sustenta a política da opressão contra os desvalidos e desamparados sociais. **Espíritas à Esquerda, 7 de setembro de 2021**

Declaram, portanto, que negar a dimensão política do espiritismo já é fazer política e, de acordo com o grupo, “a pior de todas”. Nesse sentido, quando apontam para os aspectos

ideológicos daquilo que se diz apolítico, podemos fazer um paralelo com o conceito trabalhado por Miguel (2020) de neutralidade. Se, para este, a prática de isentar-se está conformando, por omissão, os espíritas de modo conservador na sociedade, para o EàE, isentar-se do debate é permitir que se perpetuem as opressões. Quer dizer, nos dois casos, não é possível “ser neutro”, já que a não escolha sustenta a ordem social vigente, nesse caso, a de desigualdade promovida pelo sistema capitalista.

Uma semana depois, em seu perfil, o coletivo retoma a discussão e se apresenta como sendo um “semeador” dessa nova sociedade quando diz que

O EàE se propõe a ser apenas mais um semeador dessa ideia que abraça com amor e dedicação: uma nova sociedade justa e fraterna, uma nova sociedade em que todos tenham uma vida digna e esperançosa. Por isso o EàE entende que falar de Jesus é falar do anúncio do Reino, é falar de política e de transformação social. E, como espíritas e seguidores de Jesus, o EàE falará a todo momento dessa nova sociedade e lutará para que se possa alcançá-la. Esse é o objetivo de existir desse coletivo: semear a proposta do Reino de paz e fraternidade entre todos, porque fora da justiça social não há salvação. **Espíritas à Esquerda, 14 de setembro de 2021**

Sabe-se que o Espiritismo tem como lema central a conhecida “fora da caridade não há salvação”. Para o coletivo, fé e transformação social são indissociáveis, e falar em caridade, enquanto conceito individualizante que desmobiliza e aliena o indivíduo de sua condição, é desviar a doutrina de seu verdadeiro propósito. Por isso, a máxima espírita é substituída por “fora da justiça social não há salvação”, resumindo, sem margem para dúvidas, as convicções do EàE.

Em mais uma postagem, o coletivo traz um trecho de “O livro dos espíritos” para demonstrar a existência de passagens da codificação com potencial transformador:

No capítulo que trata “das ocupações e missões dos espíritos”, Kardec, em “O livro dos espíritos”, recebe essa instigante resposta à sua pergunta sobre o propósito das encarnações na vida material. E a resposta não poderia ser mais sugestiva:

“Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. [...]”

De significado profundo, a resposta apresentada pelos espíritos que o auxiliaram aponta para um objetivo primordial nas nossas existências terrenas: auxiliar o progresso humano e suas instituições, lançando mão dos meios diretos e materiais.

Não há como tergiversar sobre essa resposta ou buscar escamotear seu conteúdo relevante. Aqui estamos, todos, para melhorar a sociedade pelos meios que nos foram dispostos pela própria vida material. E melhorar a sociedade, ou seja, suas instituições, é justamente o conhecer-se e melhorar-se, é a transformação proposta pelos espíritos que insinuam que esse objetivo não é alcançado de forma individual, mas necessariamente coletiva. Portanto, não se deve falar em “reforma íntima”, que não passa de recurso erístico meritocrático, mas em luta pela transformação da

realidade que nos cerca, que, por fim, transformar-nos-á a todos em pessoas melhores, mais humanas e fraternas.
As propostas espíritas são transformadoras e revolucionárias, precisamos colocá-las em prática! **Espíritas à Esquerda, 20 de setembro de 2020**

Como vimos, a resposta traz consigo a ideia de que não se pode mudar uma sociedade e sua estrutura olhando somente para si, como propõe a reforma íntima, que é um preceito espírita que, basicamente, acaba por individualizar problemas estruturais. Entretanto, existe o consenso de que o final da caminhada, motivo de existirmos e vivenciarmos inúmeras reencarnações, é o progresso.

O coletivo questiona, nessa postagem, os meios para tal. O trecho contendo a resposta dos espíritos, apesar de curto, indicaria que o trajeto para a evolução só poderia ser percorrido pela via da coletividade e que não é possível imaginar uma sociedade diferente sem pensar em mudar suas instituições.

2) política como ferramenta de transformação social

Seguiremos para o segundo grupo de postagens. Aqui serão analisadas algumas publicações que tratam diretamente do tema da política enquanto transformação social. Porém, antes de prosseguirmos, julgo necessário inserir, nesta seção, a imagem de perfil do Instagram do coletivo, a fim de demonstrar como este se apresenta em sua rede social e de que maneira sua identidade visual não foi escolhida ao acaso, como vemos a seguir:



Figura 1 – Imagem de perfil do coletivo Espíritas à Esquerda

Fonte: Espíritas à Esquerda (2025).

Nota-se, imediatamente, que a imagem combina as figuras de Jesus Cristo e Che Guevara,

fazendo clara associação entre religião e política. Ademais, o fundo vermelho, a foice e o martelo salientam que comunismo e justiça social estariam conectados. A estética usada pelo Espíritas à Esquerda teria como objetivo, então, enfatizar sua proposta de uma leitura política do espiritismo, opondo-se à tradição conservadora.

Seguiremos, agora, para a análise das postagens do grupo. Então, se primeiro nós vimos que, para o EàE, não se pode ser religioso sem ser político, veremos, agora, textos cujos conteúdos expressam mais explicitamente o tipo de política defendida pelo coletivo.

Em outras palavras, primeiramente, deve-se refletir sobre a inseparabilidade das duas esferas, em seguida, pensar sobre o rumo que se dá para elas. Ainda que, de modo geral, todas as publicações falem abertamente sobre o progressismo como caminho para a doutrina e o engajamento social enquanto ferramenta fundamental para o progresso, o conteúdo expõe, de maneira mais direta, críticas do grupo a certo modelo de sistema econômico e à lógica nociva de produção produzida por ele.

A postagem a seguir, feita em 16 de fevereiro de 2021, levanta uma discussão em torno de uma imagem postada pelo coletivo em sua página do Instagram: a imagem mostra um homem em uma cadeira de rodas, segurando, em seu colo, uma bolsa de entrega do uber eats, plataforma online de entrega de alimentos. Trata-se de Luciano Oliveira, que deu entrevista à BBC News relatando o dia a dia na função de entregador de aplicativo e as adversidades enfrentadas por ele no exercício dessa função. Ele conta que se mudou para São Paulo (SP) e encontrou dificuldades para conseguir emprego em sua área de formação, por isso, através da sugestão de uma amiga, acabou se cadastrando em plataformas de entrega de comida. Teria sido, segundo ele, “a única opção” para se manter. Durante a entrevista, Luciano recebeu comentários vindo de quem observava a reportagem, parabenizando-o pela coragem ao exercer tal trabalho e por não estar se “vitimizando por aí”.

Então, a partir da imagem e da história por trás dela, o EàE inicia uma argumentação acerca do tema da meritocracia, um sistema social que promove ideais individualistas, quando nos diz que ser bem sucedido está diretamente relacionado ao esforço de cada um. Isto é, a capacidade individual determinaria o quanto o sujeito progride, portanto, aquele que não prospera não o fez por incompetência.

Não é necessário refletir muito para compreender que essa concepção é problemática,

já que ignora o contexto social no qual estamos inseridos, onde classe social, gênero e raça são fatores historicamente determinantes no que diz respeito às oportunidades ou a falta delas, como aponta o EàE:

A grande imprensa cooptada e neoliberal tem feito rotineiramente apologia ao esforço daqueles que querem "vencer na vida", tentando com isso reforçar o discurso fantasioso e injusto da meritocracia.

Imagens, como a da postagem, contribuem para ilustrar essa impostura discursiva. Uma análise mais adequada à realidade compreenderia facilmente que esse tipo de situação é mais vexatória do que digna. Pessoas vivendo suas vidas vulneráveis e obrigadas a disputar as migalhas deixadas pelo deus-mercado são o resultado das propostas políticas que retiraram direitos trabalhistas e previdenciários. Velhos, pobres, deficientes, todos lutam para conseguir o pão do dia, quando a sociedade deveria ampará-los e dar-lhes condições duma vida digna e respeitada. Os fortes devem sempre amparar os mais fracos, ensinam os espíritos na resposta à questão 685.a de "O livro dos espíritos". Mas a glamourização da crueldade, estampada nas manchetes dos jornalões, faz-nos, por vezes, acreditar que esse tipo de situação é moral e adequada. Não, não é.[...] **16 de fevereiro de 2021**

Como vemos, a postagem denuncia o que o coletivo chama de “glamourização” da crueldade, bem como a meritocracia fomentada pelo neoliberalismo. O texto expõe, de maneira explícita, os valores que defende o coletivo e o repúdio ao sistema que perpetua desigualdades socioeconômicas no Brasil.

Quando rejeitam a narrativa de que para “vencer na vida” basta esforçar-se individualmente ou “fazer a sua parte”, direcionam sua crítica para a dinâmica de exclusão e injustiça, mostrando-nos, como afirma Camurça (2021), uma nova hermenêutica espírita, ao se colocarem de maneira politicamente crítica diante das questões sociais.

Finalmente, salientam que

[...]essa é uma das lutas que devem ser encampadas pelos espíritos, pois não se pode falar em caridade, justiça e fraternidade num mundo em que vulneráveis precisam desesperadamente submeter-se a esse tipo de situação. E os espíritos que enaltecem esses trágicos momentos são os mesmos que fecham os olhos para a desigualdade social, para as diversas discriminações na sociedade e para os males do neoliberalismo, mas falam palavras melífluas em seus discursos vazios e hipócritas dentro das casas espíritas.

Espíritas, fora da justiça social não há "reforma íntima" nem salvação. **Espíritas à Esquerda, 16 de fevereiro de 2021**

É válido observar que a leitura de mundo feita pelo coletivo possui forte influência da análise feita por Marx (2015), ao identificar a exploração como base para a manutenção do sistema capitalista e entender que indivíduos marginalizados não são produto do acaso, mas de escolhas políticas que estão a serviço do capital. Além disso, o EàE mobiliza uma

passagem de O livro dos Espíritos, mais especificamente, a questão 685.a, onde a mensagem é de que o mais forte deve ocupar-se de ajudar o mais fraco, nesse caso, aqueles em situação mais vulnerável, por conta do nosso contexto material desigual, não por mera casualidade ou “prova” espiritual.

A verdadeira “reforma íntima” começaria de fora, modificando as condições materiais do nosso mundo. E a luta por justiça social não deve ser uma questão secundária dentro do movimento espírita, mas sua premissa mais básica, porque, como finaliza o grupo, “fora da justiça social não há reforma íntima nem salvação”.

Entre aqueles que se denominam progressistas, a questão da luta de classes é fundamental, por isso recorrente. Na verdade, acredita-se que somente por meio dela é que se modificaria a realidade social. Com o EàE não é diferente, já que o tema aparece mais de uma vez entre o conteúdo produzido pelo coletivo. A postagem seguinte comprova

Em frase histórica e emblemática, o saudoso Chico Mendes ensinou que "ecologia sem luta de classes é jardinagem". Da mesma forma, o EàE propõe que espiritismo sem luta de classes é assistencialismo barato.

E o que isso significa? Que a proposta fundamental do espiritismo é a transformação do mundo real num mundo melhor, um mundo justo, fraterno, igual e pródigo em dignidade para todas as pessoas.[...] **21 de abril de 2025**

Ao recordar a frase de Chico Mendes e adaptá-la para "espiritismo sem luta de classes é assistencialismo barato", o coletivo aponta para a existência de um espiritismo desprovido de consciência política e limitado a ações pontuais de caridade. Alinham-se, desse modo, aos autores das Ciências Sociais que dedicam-se à temática da crescente tradição religiosa brasileira de despolitização e como esta tem contribuído para a manutenção do *status quo*. Em seguida, levantam uma interrogação que imediatamente é respondida

E por que seria essa a proposta espírita? Porque essa é a proposta do Reino anunciado por Jesus. E Jesus ensinou que as diferenças sociais não têm guarida nessa nova sociedade, pois todos os indivíduos nela teriam as suas necessidades supridas e teriam vida em abundância.

Portanto, a tarefa mais importante do movimento espírita diante dessa proposta fundamental é a formação de "apóstolos da fraternidade", como ensina Kardec na conclusão de "O livro dos espíritos", e que os espíritos que orientam o EàE nomeiam de "militantes da fraternidade".[...] **21 de abril de 2025**

Arrematam dizendo que

O EàE entende que a única forma de resgatar na atualidade o amor que rege as propostas de Jesus, fulcro do espiritismo, é traduzi-lo como luta social na transformação desse mundo pleno de miséria, exploração e opressão.

Vem com o EàE ser um militante da fraternidade para buscar transformar o

Quer dizer, de acordo com o coletivo, a luta de classes é um elemento fundamental no que diz respeito à transformação real da nossa sociedade. Seria necessário, portanto, romper com o assistencialismo que somente serviria para atenuar a dor e o sofrimento que atinge aqueles em situação de vulnerabilidade. Novamente, ressalta que a justiça social é a ferramenta pela qual será possível superar as desigualdades. Nesse sentido, a postagem é complementar à anterior, ao tratar dos temas da miséria, exploração, opressão e ao atribuir a condição social dos desfavorecidos à política neoliberal. Notamos, ao longo deste trabalho, que se assume a ideia de que essa dinâmica deliberada (Harvey, 2008) é que é responsável por intensificar a concentração de riquezas e manter as classes dominantes onde estão, acentuando as desigualdades. Desse modo, compreendemos porque, para o EáE, a luta de classes é a maneira pela qual se realiza um real enfrentamento diante do que consideram a origem das nossas mazelas sociais.

Partiremos, agora, para a última análise deste trabalho. Entraremos em uma temática que está profundamente ligada à luta de classes: a opressão de gênero. Tal questão também é abordada pelo coletivo em suas redes sociais. Em seu perfil, para o dia Internacional das Mulheres, o grupo publicou um texto com o objetivo de suscitar reflexões em torno do 8 de março:

Mulheres, nesse 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, convidamos cada uma de vocês a refletir sobre o real significado dessa data. Esse não é apenas um dia de celebração ou de flores; é um dia que carrega a força e a história de inúmeras mulheres que lutaram e ainda lutam por igualdade, liberdade e respeito.

O 8 de Março nasceu do sangue e do suor de mulheres que, no início do século XX, enfrentaram fábricas insalubres, jornadas exaustivas e a negação de seus direitos básicos. Foi uma data marcada por coragem e resistência, um grito coletivo contra o sistema opressor que transformava mulheres em peças descartáveis de uma engrenagem capitalista. **8 de março de 2025**

O coletivo relembra a trajetória que deu origem ao que conhecemos como Dia Internacional da Mulher para demonstrar que, ainda que seja uma data de celebração, não se pode abandonar a história de luta por trás dela nem esquecer que esse percurso, marcado por “sangue” e “suor” de mulheres trabalhadoras, é consequência de uma sociedade regida pelo capital. Vemos que esse primeiro trecho está em consonância com os discursos proferidos pelo grupo em publicações anteriores e vai além quando acrescenta a questão do gênero em

suas críticas ao sistema capitalista. Em vista disso, nos dizem:

Hoje, como mulheres espíritas à esquerda, reconhecemos que a luta por igualdade e justiça é parte do nosso compromisso espiritual e material. Como destaca o "Manifesto das Mulheres Espíritas pelo Direito de Decidir" (<https://espiritasaesquerda.com.br/mulheres-espíritas-pelo-direito-de-decidir/>), "a alma é livre para decidir acerca de seus caminhos durante a existência física". Essa liberdade inclui o direito de decidir sobre nossos corpos e nossas vidas, sem interferências externas que nos oprimam. **8 de março de 2025**

Falam em nome das mulheres e para as mulheres espíritas reiterando que lutar por uma sociedade mais justa para mulheres é um compromisso que se deve ter enquanto sujeito espírita de esquerda e que, se a “alma é livre para decidir”, suas escolhas, no plano físico, não deveriam ser interditadas. Por fim, compartilham aquilo que pensam ser o papel do movimento feminista na vida material

Acreditamos que o feminismo espírita é uma prática de justiça no plano material, onde estamos encarnadas para transformar as estruturas opressoras. Como espíritas, sabemos que a evolução espiritual passa pela construção de um mundo mais igualitário, onde a solidariedade e a empatia guiem as nossas ações. Que esse dia seja um marco para nos unirmos, para refletirmos sobre como podemos apoiar umas às outras e continuar quebrando as correntes que ainda nos prendem. Que nunca esqueçamos: nem tudo são flores, mas podemos semear a mudança e, juntas, construir um mundo mais justo e digno para todas as pessoas. **Espíritas a Esquerda, 8 de março de 2025**

Vemos que o conteúdo segue a mesma linha das demais postagens e encerra a seção de modo que se percebe uma coesão nos textos postados pelo EàE. Sabemos que o capitalismo está profundamente ligado à opressão de gênero, sobretudo, quando se apoia na exploração do trabalho doméstico não remunerado, geralmente exercido pela mulher (Federici, 2023). Dessa maneira, ao relacionar espiritismo, capitalismo e opressão de gênero, o grupo reafirma suas proposições para um movimento espírita comprometido com a justiça social e que considera a origem material das desigualdades.

Conclusões

Para o espiritismo, a evolução é um processo contínuo, em que os espíritos caminham em direção a um estado de “perfeição”, sem retrocessos. Isso significa que alguém pode estacionar, mas nunca regredir. Esse estado seria alcançado melhorando a si mesmo, moral e

intelectualmente, como sugerem preceitos da doutrina. Apesar das diferentes ideias abordadas nas postagens, o tema da política social é central em todos eles. O grupo propõe uma leitura diferente para os textos de Kardec, uma que não contribua para uma conduta conformista por parte dos espíritas.

Observamos que, se a evolução é o objetivo final, ela só será alcançada, segundo o EàE, por meio de uma prática doutrinária que promova a justiça social e rompa com alguns dogmas do passado. Nesse sentido, essa evolução não é individual, mas conectada às nossas relações sociais e ao contexto em que vivemos. As publicações propõem que o movimento espírita abrace questões atuais, contribuindo para uma sociedade mais justa. De acordo com o grupo, isso ocorre quando se abandona posturas assistencialistas, pois é necessário considerar mudanças estruturais para promover uma transformação real, combatendo desigualdades na sua raiz. Enfrentar desigualdades exige um pensamento que vá além do alívio imediato.

Desse modo, as questões levantadas pelo coletivo são imprescindíveis para nossa reflexão. O EàE argumenta que é necessário reavaliar passagens problemáticas nas obras de Allan Kardec, já que refletem preconceitos do século XIX, e que, ao contrário do que muitos espíritas acreditam, mudanças não alteram a essência da doutrina, apenas corrigem erros históricos. Também discutem a questão de gênero, destacando a necessidade de refletirmos acerca do controle patriarcal sobre o corpo e as escolhas das mulheres. A ideia de transformação social, nesse cenário, exige que o espiritismo seja mais sensível e justo em relação às demandas femininas, ouvindo-as. Com a atualização desses conteúdos, o movimento espírita poderia dialogar com outras tradições e promover uma visão inclusiva, que respeite e valorize todas as culturas.

Por fim, também criticam a postura adotada por uma parcela significativa de espíritas brasileiros que, de acordo com eles, têm se distanciado das realidades sociais e se voltado para ideologias conservadoras. A mensagem é de que o espiritismo precisa resgatar seu potencial transformador, deixando de lado práticas elitistas e sectárias.

Referências Bibliográficas

ARRIBAS, Célia da Graça. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre

progressistas e conservadores. *Contemporânea*, v. 10, n. 2, p. 613-638, 2020.

BBC NEWS BRASIL. Entrevista com Luciano Oliveira – O cadeirante que entrega comidas por aplicativos na avenida Paulista. *BBC News Brasil*, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51551861>.

CAMURÇA, Marcelo. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, v. 28, n. 1, p. 136-160, 2021.

COLETIVO ESPÍRITAS À ESQUERDA. Quem somos. Disponível em: <https://espiritasaesquerda.com.br/quem-somos>.

ESPÍRITAS À ESQUERDA. *Imagem de perfil do coletivo Espíritas à Esquerda*. Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/espiritasaesquerda>.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

GIUMBELLI, Emerson. Em Nome da Caridade: assistência social e religião nas instituições espíritas, vol II. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas do ISER, 1996.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 172-178.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alexandre C. Socialismo e espiritismo, aproximações dialéticas. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 16, p. 1-9, dez. 2004.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Porto Alegre: CNPq/Pronex, 2004.

MARX, Karl. *O capital – Livro 1: crítica da economia política. O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MIGUEL, Sinuê Neckel. *Movimento Universitário Espírita (MUE): religião e política no espiritismo brasileiro (1967-1974)*. Campinas: Alameda Editorial, 2012.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. *Sæculum – Revista de História*, v. 25, n. 42, p. 86-104, 2020.

PEREIRA, Francisco Jomário. O espiritismo brasileiro: uma produção discursiva. *Tabuleiro de Letras*, v. 14, n. 2, p. 229-240, 2020.

PIRES, Pedro Stoeckli. Nascer, morrer, renascer: o espiritismo à luz das Ciências Sociais. *Revista Três Pontos*, 2008.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. *Revista Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, v. 17, n. 4, p. 138-154, 2019.

SIGNATES, Luiz; DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contrahegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, 2021.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003.